

REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS POÉTICOS E SOCIOAMBIENTAIS DO FOTOJORNALISMO¹

RAYANE LACERDA¹; ANA TAÍS MARTINS²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – raylavisi@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – anataismartins@icloud.com

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, discutimos a presença de elementos poéticos e artísticos no exercício da fotografia de natureza, além de elementos socioambientais que ajudam a construir os sentidos potencialmente transformadores que se dão através da imagem. Isso porque, ao entender a fotografia como uma prática inserida no campo da Comunicação, notamos que ela é responsável por organizar sentidos que são construídos no ato fotográfico, da mesma forma que atuam nas significações coletivas colocadas *em comum*.

A partir desse contexto, acreditamos estar presente um elemento feminino que orienta as significações compartilhadas pelo fotojornalismo. Olhando para a história da fotografia, notamos que as mulheres foram colocadas em segundo plano, já que era preciso força física para carregar os primeiros equipamentos de captação de imagem produzidos, partindo do pressuposto de que as mulheres não teriam capacidade de lidar com objetos mais pesados. No fotodocumentarismo, por exemplo, os profissionais se encontravam “[...] vergados sob o peso de um equipamento de grandes dimensões e obrigados a transportar consigo – literalmente – o laboratório” (SOUSA, 1998, p. 21). O resultado era o maior recrutamento de fotógrafos homens para jornais e revistas, retirando a possibilidade de as mulheres mostrarem o seu potencial no fotojornalismo. Esse dado histórico talvez oriente a percepção de que, ainda hoje, o fotojornalismo é formado por características masculinas, principalmente. Considerando esse cenário, nos questionamos a respeito do olhar que a mulher lança sobre o mundo através da fotografia, mesmo que a sua prática não tenha recebido um reconhecimento legítimo na trajetória de produção da imagem. Nesse ponto, consideramos a possibilidade de haver uma bifurcação possível para a compreensão da fotografia de natureza, já que muitas mulheres passaram a trabalhar nas margens da história. Para tanto, nos debruçamos sobre algumas fotografias de Cláudia Andujar (1998), profissional reconhecida pelo seu extenso trabalho junto aos Yanomami, lançando mão do conceito de ecologismo popular (ALIER, 1998) e da noção do fotojornalismo ambiental (LACERDA; DOMINGUEZ, 2019). As fotografias de Andujar participam do corpus empírico da dissertação intitulada *Olhar feminino em Comunicação: aspectos da fotografia ambiental em Cláudia Andujar*, da qual trazemos um recorte.

Objetivamos, assim, compreender as possibilidades do olhar fotojornalístico para a questão ambiental, de modo a perceber como se dá a apresentação das questões ambientais em fotografia. Além disso, buscamos traçar as condições de acontecimento do olhar feminino, corroborando as possíveis formas de perspectivar a natureza. Para tanto, nos questionamos: que olhar é esse que o feminino lança sobre o meio ambiente?

¹ Trabalho realizado com financiamento CAPES – código 001.

O conceito de ecologismo popular (ALIER, 1998) nos é interessante para pensar as diferenciações sociais no uso e acesso aos recursos ambientais, considerando que o autor cunha o termo para especificar o ecologismo dos ricos e o ecologismo dos pobres. O primeiro se refere a grupos socialmente privilegiados que podem, ao se deparar com consequências da devastação ambiental já amplamente percebidas cotidianamente, ter acesso a alimentação de qualidade, serviços médicos e viagens para lugares que ainda dispõem de elementos naturais. Já o ecologismo dos pobres, ao contrário, versa sobre a dificuldade, sentida por muitas pessoas, em acessar direitos básicos, sofrendo drasticamente os efeitos das mudanças climáticas² e do desmatamento, por exemplo.

Paralelo a isso, temos a noção do fotojornalismo ambiental, formada por três pilares principais. Por um lado, a proposta de construção da informação, inserida nas composições fotográficas, expandindo um sentido comunicacional através das possibilidades do elemento visual. Além disso, notamos a presença de um ativismo ecológico (BELMONTE, 2015) do qual um fotojornalista ambiental pode lançar mão, buscando movimentar práticas políticas em prol do meio ambiente. E, por último, a presença de caminhos poéticos nas imagens, auxiliando a mobilização de inquietações perante uma fotografia de cunho ambiental.

2. METODOLOGIA

A sensibilidade do olhar de Cláudia Andujar é um dos fatores que nos levou a escolher o seu trabalho como objeto de análise, pois a sua fotografia expande o caráter belo, trazendo sentidos mais complexos para dentro das narrativas ali contextualizadas. Esses sentidos diversos e múltiplos, trazidos à superfície pela fotografia de Andujar, nos ajuda a compreender um acordo entre as possíveis bases de atuação do feminino e os seus elementos socioambientais apresentados em composições fotojornalísticas.

Para perseguir essas linhas de força, elencamos indicadores e critérios teóricos de análise. Em outras palavras, compreendemos um percurso de investigação que indica o trajeto a ser seguido durante a pesquisa qualitativa e exploratória, o qual é construído por pontos específicos, com destaque para a luta política dos Yanomami e como eles se relacionam com aspectos fotográficos, artísticos e ambientais que delimitam os indicadores. Já como critérios, elencamos o olhar feminino e o ecologismo popular (ecologismo dos pobres, especificamente) os quais, junto aos indicadores, constróem os passos do trajeto.

Além disso, as fotografias foram escolhidas de maneira assisstemática, com base nas concepções iniciais do que configura o fotojornalismo ambiental (LACERDA; DOMINGUEZ, 2019). As fotografias foram selecionadas com base no método da leitura flutuante, conforme notamos a emersão de elementos que indicam a presença da fotografia de natureza. Trazemos, então, duas fotografias analisadas como exemplos da sequência de imagens que participaram do corpus e de como olhamos para elas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1 - {Sem título}

² Esse tema passou a ser amplamente discutido ao passo que o termo *apartheid climático* foi introduzido ao debate pela Organização das Nações Unidas (Onu).



Fonte: ANDUJAR (1998, s/p).

O ecologismo popular, nessa fotografia (figura 1), conduz o leitor a um debate sobre a percepção do branco na ocupação de espaços indígenas por meio do olhar. Isso porque tais espaços podem ser físicos, mas também psíquicos, simbólicos e sociais. A imagem traz o indígena em seu ambiente natural (em uma floresta, ao que tudo indica), deitado em uma rede e com a expressão do corpo leve, suave e relaxada. A discussão sobre a inserção do olhar branco nasce através de um tênue caminho entre a proximidade cúmplice de Andujar enquanto artista visual e uma possível colonização imposta pela presença da câmera fotográfica. Entretanto, as linhas de força dessa relação imbricada podem ser percebidas somente a partir da fotografia como um suporte resultante do ato fotográfico, já que os olhares que se cruzam na imagem são subjetivos – desde o olhar do observador, passando pelo olhar do indígena fotografado e alcançando o olhar da própria artista. Diversas nuances precisam ser consideradas nesse caso, como a sensibilidade de aproximação de Andujar, o respeito ao mundo do outro que não lhe pertence diretamente e, ainda, o resultado trazido na própria fotografia: um indígena de costas, sem medo ou receio, mostrando confiança em Andujar e em sua presença na floresta. O elemento simbólico do gesto corporal indica familiaridade e intimidade já estruturadas, sendo que nesse espaço entre subjetividades está o olhar feminino de Andujar.

Figura 2 - Homem com fumaça



Fonte: ANDUJAR (1998, s/p).

A fotografia que traz um sujeito deitado em uma rede com fumaça ao redor da sua cabeça (figura 2) insinua o exercício de um ritual indígena, como aquelas que fazem uso consciente e político de plantas medicinais e alucinógenas a fim de desenvolver uma conexão mais profunda com a natureza. O ecologismo popular, aqui, está presente na maneira como a imagem carrega um sentido de cuidado e preservação da biodiversidade por meio da preservação dos próprios saberes ancestrais dos povos indígenas. Ora, se os Yanomami sofrem constantemente com a atualização de um olhar colonizador e ofensivo, manter vivas as práticas primordiais de relação sagrada nos abrem um caminho para a resistência aos ataques de suas terras e vidas. Andujar, como artista visual, tem

um diferencial bem específico: um olhar cúmplice de quem conviveu por anos e anos junto aos Yanomami e, por isso, é capaz de presenciar um acontecimento como esse e registrá-lo em fotografia.

4. CONCLUSÕES

Com base nos pressupostos teóricos trabalhados, compreendemos alguns aspectos do feminino que se apresenta através do olhar de Andujar, pensando em bifurcações possíveis para a marginalização do olhar da mulher na trajetória da fotografia. Primeiro, o ecologismo popular surge pela resistência e pela luta dos Yanomami em prol da natureza, justamente pela conexão sinestesial que os povos originários mantêm com a Terra, o que pode ser registrado em fotografia. A sensibilidade da fotógrafa não está apenas no fato de que ela traz essas questões para dentro das composições, mas, principalmente, isso ganha força pela maneira *como* ela constrói os elementos ambientais e as suas relações com a causa indígena, lançando mão do elemento poético em fotojornalismo – como o descanso de um Yanomami na rede e a tranquilidade que ele sente ao estar na floresta. No mais, notamos a presença de uma metáfora no trabalho de Andujar, pois ela se vale da luta Yanomami como inspiração para a batalha que adotou para si, criando uma relação potente e orgânica de comoção afetiva com as questões socioambientais. Andujar, fotógrafa e mulher, lança sobre o mundo um olhar sensível, resistente e desafiador e, por isso mesmo, complexo, dinâmico e carregado de significações coletivas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIER, J. M. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**. Blumenau: FURB, 1998.

ANDUJAR, C. **Yanomami: A Casa, a Floresta, o Invisível**. São Paulo: DBA, 1998.

BELMONTE, R. V. **A construção do discurso da economia verde na revista Página 22**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GONÇALVES, S. M. L. P. A alma da floresta: Sonhos, por Claudia Andujar. **Revista Gama, Estudos Artísticos**, Lisboa, v. 7, n. 4, p.152-160, 2016. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/34093/2/ULFBA_G_v4_iss7_p152-160.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

LACERDA, R.; DOMINGUEZ, C. A. Fotojornalismo ambiental: a sustentabilidade do olhar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO AMBIENTAL, 4., Porto Alegre, 2019. **Anais....** Porto Alegre: Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental, 2019.

SOUZA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1998.